

SOCIEDADE DE CULTURA
ARTISTICA

141.º SARAU

THEATRO MUNICIPAL

TERÇA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1923
ÀS 20 HORAS E 3/4

ooo

CONCERTO SYMPHONICO

REGENTE:

COM. GINO MARINUZZI

ELECTRA

(1.ª AUDIÇÃO EM S. PAULO)

OPERA EM 1 ACTO

MUSICA DE RICARDO STRAUSS

PELA COMPANHIA LYRICA
WALTER MOCCHI



MAESTRO CONCERTADOR E DIRECTOR
DA ORCHESTRA:

COM. VINCENZO BELLEZZA

REGISSEUR GERAL:

COM. MARIO SAMMARCO



PROGRAMMA



1.^a PARTE

ooo

CARLOS GOMES — *Symphonia do Salvator Rosa*

PICK MANGIAGALLI — *Nocturno e Rondó phantastico*

Regente: Com. Gino Marinuzzi



2.^a PARTE

ooo

ELECTRA

Tragedia em um acto de, Hugo von Hofmannsthal

Musica de RICARDO STRAUSS



DISTRIBUIÇÃO:

Clitemnestra	Maria Olsewska
Electra, (sua filha).	Elsa Bland
Crisotemide, (sua filha)	Carlota Dahmen
Egisto	Walter Kirchhoff
Oreste	Emile Schipper
O preceptor de Oreste	Heinrich Thiemer
Uma donzella companheira	Brunelli Denti
Um jovem servidor	Nello Palai
Um ancião servidor	Miguel Fiore
Uma governante	Giannina Cattaneo
Cinco donzellas	Maria Lilloni, Agnese Porter, Elsa Winter, Lina Morelli, Carlota Lakett



Domingo, 28 de Outubro

142.º SARAU

com a

DAMNATION DE FAUST

DE BERLIOZ

pela Companhia Lyrica WALTER MOCCHI

*A "ELECTRA", de R. Strauss,
foi levada em 1.a audição em
S. Paulo, pela empresa Walter
Mocchi, em recita especial da
Sociedade de Cultura Artis-
tica, correspondente ao seu
141.º sarau, a 23 de Outubro
de 1923, no Theatro Municipal.*



RESUMO DA

ELECTRA



acção passa-se em Messenas, a prehistorica cidade do Peleponeso. O rei Agamemnon, o mais poderoso dos guerreiros gregos que fizeram o cerco de Troia, de regresso da grande e victoriosa guerra, foi assassinado no banho pela sua propria esposa Clitenestra (Maria Olcewsca) e por Egisto (Walter Kirchoff), logar-tenente do reino.

Casados, Egisto e Clitenestra, reinam sobre Messenas, emquanto Electra (Elsa Bland), filha de Agamemnon e da infiel Clitenestra somente vive a pensar no momento em que vingará a morte de seu pae. Ella fez sahir do paiz, seu irmão Orestes (Emile Schipper), menino ainda, para evitar que o exterminassem e com elle a raça dos átridas, aguardando anciosamente o dia em que, já rapaz venha

justar contas com os assassinos de seu pae. Varios annos decorreram para Electra, nesta expectativa, quando o velario se abre, deixando vêr o interior da côrte de Messenas. Ao fundo apparecem a parte posterior do palacio e as casas baixas em que vive a creadagem. As raparigas de serviço, tendo á frente a governante, emquanto enchem as suas amphoras na cisterna, commentam o desespero de Electra, a quem a sua propria mãe, para se livrar das constantes lamentações, das terriveis imprecações, dos gritos lancinantes da filha, que é como a alma rediviva de Agamemnon clamando por justiça, condemnou a viver nos mais obscuros recantos do palacio, humilhada entre os creados. Estão as raparigas commentando esse facto, quando apparece Electra, nos humbraes da porta. Todas se voltam para ella, porém, a terrivel filha de Agamemnon retrocede, cobrindo o rosto, como uma féra que volta a se occultar no seu antro. Uma só das raparigas, a mais jovem e meiga, commove-se com o infortunio de Electra, a altiva filha do poderoso átrida, obrigada a compartilhar do miseravel pão da creadagem. A governante castiga essa rapariga pela sua ousadia, expulsando-a aos empurrões, brutalmente. Nesse interim, ouvem-se lamentos e gritos de soccorros, vindos do interior, de uma jovem a quem castigam e em seguida apparece Electra, que furiosa fala como se dirigindo á sombra de seu pae e pede a sua

protecção para ter forças de chegar até o dia de vingança, até o dia em que, castigados os assassinos, possam celebrarem-se os seus funeraes, com todas as honras que lhe são devidas. Crisotemide (Carlota Dahmen), a meiga e timida irmã de Electra, a interrompe. Ella tambem está encarcerada e só tem um desejo: ver-se livre, gozar a vida, ter a ventura de ser mãe e implora á sua irrascivel irmã que abandone os seus propositos, que esqueça os seus pezares para que seja devolvida a ambas a desejada liberdade.

Tudo em vão. Electra toma-se de compaixão ante a pusilanimidade da sua irmã e diz que nada a demoverá do seu proposito de vingança, ainda mesmo que, como se fala na côrte, a encarcerem para sempre na torre, onde nunca poderão chegar, sequer, os raios do sol. Ouvem-se nesse momento rumores de gente que se aproxima. É o cortejo da rainha Clitenestra que se dirige ao templo para aplacar os deuses, cuja ira lhe fora revelada num sonho que tivera e no qual viu Orestes a gritar que a estrangulassem. Electra despreza a supplica de Crisotemide, que lhe implora não appareça á rainha naquelle momento. Nunca — diz Electra — senti tanto desejo de lhe falar. Atraz do cortejo vem Clitenestra, que se alvoroça ao avistar a sua ameaçadora filha, a qual subtilmente, como uma serpente que a quizesse envolver, della se aproxima simulando entretanto o desejo de lhe

tranquilisar o animo conturbado, pelo sonho funesto. Na realidade, porem, Electra, procura apenas agravar os terrores de sua mãe, citando-lhe mysteriosas sentenças do oraculo e recordando-lhe que Orestes ainda vive.

De repente, o rosto de Cliteneſtra ſe illumina de alegria e ella dá ordem para que ſe acendam todas as tochas da côrte, porque lhe trouxeram a noticia de que Orestes, o vingador temido e denunciado em sonho, está morto. O desespero de Electra, não conhece limites deante dessa noticia, e resolve não esperar mais para vingar ſeu pae, concitando Crisotemide a auxiliá-la no duplo assassinio de Egisto e Cliteneſtra; a irmã, porem, recusa e de nada vale a unção que Electra junta às ſuas palavras, a felicidade que lhe promette, os ſeus juramentos de que ſerá por toda a vida, ſua escrava, ſe lhe ajudar. Electra, maldiz então a irmã e freme de desespero; mas, de repente, um estrangeiro jovem e bem posto, apparece deante de ſeus olhos e dá-ſe á conhecer: é Orestes, que fez correr a noticia de ſua morte para poder chegar até ao palacio ſem despertar ſuspeitas. Electra não quer dar credito ao que veem ſeus olhos, tal é a ſua alegria. Vem ſeparar os amoroſos irmãos, o velho preceptor (Heinrich Thiemer) de Orestes, que o julgava em paiz estrangeiro e desde logo o guia na ſua empreza. E' chegado o momento de pôr mãos á obra, ſem perda de um

minuto. Orestes e o preceptor ſahem e d'ahi a pouco ſe ouvem os gritos de Cliteneſtra ferida e de Electra que grita insaciavelmente! Fére: Fére: Fére, ſempre!... Aos gritos da rainha, vão apparecendo os cortezãos espantados, vendo Electra, que dança com a furia de uma bacchante, ſuas ancias de vingança ſatisfeitas. E' ella propria quem conduz Egisto, illuminando-lhe o caminho, até onde encontrará a morte junto de Cliteneſtra. O povo, ao conhecer no vingador, Orestes, accorre pronunciando ao longe o nome do enviado da justiça dos deuses. Electra recomeça as ſuas danſas loucas como uma ménade, enquanto Orestes, nos braços da multidão, é levado em triumpho.
